

## **O ESPAÇO ESCOLAR E SEUS SIGNIFICADOS: MAPEAMENTO COLETIVO COMO PRODUTO DE AULA DE CAMPO NO ENTORNO DA ESCOLA**

Poliana Back da Silveira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná - UFPR

polianaback@gmail.com

Elaine de Cacia de Lima Frick<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná - UFPR

elaineclfrick@gmail.com

### **Resumo**

Mapas mentais coletivos são compostos por signos que, após serem interpretados, revelam valores, identidades e aspirações de grupos de pessoas que caracterizam os lugares. No que tange a realidade do discente, estudos que busquem compreender a construção do espaço escolar e seu entorno são de grande importância, pois evidenciam a experiência diária vivida pelos estudantes. Para tanto, foi proposta a elaboração de um mapa mental coletivo que retratasse a realidade do entorno da escola, tendo como base a experiência que os alunos tiveram durante uma aula de campo realizada previamente, além das experiências que vivenciam cotidianamente. Desta forma, este artigo tem por objetivo abordar a produção de mapas mentais coletivos como um produto pós aula de campo, além de trazer essa construção cartográfica feita em sala de aula como uma representação válida da realidade dos estudantes do Colégio Estadual Yvone Pimentel em Curitiba-PR, utilizando como ferramenta para tal uma metodologia específica de análise de mapas mentais coletivos.

**Palavras-chave:** Mapeamento Coletivo, Espaço Escolar, Aula de Geografia.

### **Apresentação**

O presente trabalho se justifica pela necessidade por parte dos estudos geográficos de materialização das representações sociais, o que pode ocorrer por meio de mapas mentais coletivos (MALANSKI, 2014). Tais mapas são compostos por signos que, após serem interpretados, revelam valores, identidades e aspirações de grupos de pessoas que caracterizam os lugares. No que tange a realidade do discente, estudos que busquem compreender a construção do espaço escolar e seu entorno são de grande importância, pois evidenciam a experiência diária vivida pelos estudantes além de servir como um feedback que provoca reflexões importantes, tais como: Qual escola estamos construindo como sociedade?

De acordo com Malanski (2014) os mapas mentais coletivos se destacam enquanto aporte metodológico, pois são capazes de materializar o caráter subjetivo dos lugares, expressando subjetividades tais como sentimentos, percepção e representação espacial. Ainda, por serem passíveis de interpretação, expõem mundos pessoais e apresentam problemas comuns, representando aspectos do lugar. O autor afirma que é através da percepção que se constrói o conhecimento do espaço adjacente e organiza outro, individualizado. Ou seja, "a percepção é um dos processos necessários para a estruturação do mundo para a pessoa". Nesse contexto, à luz das ideias de Malanski e Kozel (2015), acredita-se que compreender os significados atribuídos pelas pessoas ao

---

<sup>1</sup> Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, e voluntária no Projeto Expedições Geográficas – PEG do Programa Licenciar da UFPR.

<sup>2</sup> Professora Orientadora do presente trabalho e Coordenadora do Projeto Expedições Geográficas - PEG.

espaço escolar, ou no caso, ao seu entorno, pode ser o início para torná-lo um lugar mais agradável.

Para tanto, foi proposta a elaboração de um mapa mental coletivo que retratasse a realidade do entorno da escola, tendo como base a experiência que os alunos tiveram durante uma aula de campo realizada previamente, além das experiências que vivenciam cotidianamente. Desta forma, este artigo tem por objetivo trazer essa construção cartográfica feita em sala de aula como uma representação válida da realidade dos estudantes do Colégio Estadual Yvone Pimentel em Curitiba-PR, utilizando como ferramenta para tal uma metodologia específica de análise de mapas mentais coletivos.

## **Contextualização e Metodologia**

Nas universidades brasileiras existem diversos projetos extracurriculares que buscam complementar a formação dos universitários, proporcionando experiências diferenciadas que ampliem o processo de ensino-aprendizagem. Entre esses projetos, destaca-se o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que foi criado com o objetivo de aperfeiçoar a formação de professores nos cursos de licenciatura, por meio de parceria entre as universidades e a rede pública de ensino básico. Evidencia-se aqui também o Projeto Expedições Geográficas - PEG, vinculado ao Programa Licenciar<sup>3</sup>, com objetivo de utilizar a aula de campo como um recurso metodológico para o ensino de geografia, entendendo que aulas práticas e *in loco* são importantes trunfos facilitando o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando ao estudante uma análise mais profunda da paisagem ao seu redor a partir da conexão da teoria aprendida em sala de aula com os exemplos observados concretamente. Um ponto interessante nesse recurso metodológico é como ele transcende a percepção do aluno para além das imagens contidas nos livros didáticos, proporcionando que este visualize com os próprios olhos e reflita sobre os processos presentes na paisagem observada.

A prática pedagógica abordada no presente trabalho foi realizada no corrente ano durante a experiência no PIBID e no PEG, que integrou atividades realizadas em ambos projetos e efetivou a prática pedagógica com aula de campo no entorno do Colégio Estadual Yvone Pimentel, este vinculado ao PIBID, com sede em Curitiba - PR, na Rua Sebastião Malucelli 1312, Bairro Novo Mundo, inserido na Regional Pinheirinho, que de acordo com o censo de 2010 do Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras, é a Regional curitibana com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), computando a média de 0,753, ficando atrás apenas da Regional Bairro Novo, com 0,75. Do montante de alunos atendidos, metade habitam a região próxima à escola, e a outra metade são de bairros periféricos distantes e de municípios da região metropolitana de Curitiba.

No que tange a caracterização do espaço escolar de acordo com o Projeto Político Pedagógico – PPP (2017, o Colégio Estadual Yvone Pimentel oferta Ensino Fundamental e Médio durante o período diurno, além de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período da noite, totalizando 28 turmas e aproximadamente 1200 alunos atendidos. Destes, cerca de 250 são atendidos pelo PIBID (7 turmas de aproximadamente 35 alunos cada). Além da integração de dois projetos de cunho pedagógico, um destaque da presente prática é o produto gerado coletivamente pelos

---

<sup>3</sup> Congrega projetos dos diversos Cursos de Licenciatura da UFPR. Seu objetivo geral é apoiar ações que visem ao desenvolvimento de projetos voltados à melhoria da qualidade de ensino nas Licenciaturas da Universidade Federal do Paraná.

alunos após a realização da aula de campo: um mapa mental que externou a percepção dos alunos do entorno do ambiente escolar, além da sua relação para com ele. Partindo do conteúdo ministrado pela professora supervisora no PIBID em sala de aula, a prática pedagógica, realizada pela autora bolsista, buscou aprofundar a temática de Problemas Urbanos, focando nos que se fazem presentes na cidade em que os alunos vivem, já que Curitiba sofreu um crescimento desordenado com planejamento insuficiente (MOURA, 2005). Destaca-se que foram utilizadas duas metodologias para o desenvolvimento da prática, uma que norteou a realização da aula de campo, a mesma utilizada no PEG, e a segunda que deu luz à confecção do produto final, o mapa mental coletivo.

Segundo Paz (2016), é importante a realização de um campo de reconhecimento anterior à aula de campo propriamente, com o objetivo de coleta de dados para preparação, e ainda, a ocorrência de um pós campo, que possibilita a elaboração de atividades diferenciadas partindo da percepção do aluno durante o campo decorrido anteriormente. Partindo disso, o campo de reconhecimento foi realizado pela bolsista e pela prof<sup>a</sup>. supervisora no dia 12 de junho, a aula de campo foi realizada com o auxílio de outros integrantes do PEG no dia 26 de junho e o pós campo foi realizado apenas no dia 15 de agosto, por conta das férias letivas. A turma na qual a prática foi desenvolvida foi o 7º ano “E”, composta por 36 alunos, e a aplicação ocorreu em um primeiro momento durante 2 (duas) aulas de 50 (cinquenta) minutos cada e em um segundo momento durante 1 (uma) aula com a mesma duração. A realização da atividade de pós-campo (mapa coletivo) foi norteada pela experiência descrita por Malanski e Kozel (2015), partindo da compreensão de que "o espaço para se tornar um lugar deve passar por uma relação afetiva e política de apropriação e significação por pessoas de um grupo cultural." (MALANSKI; KOZEL, 2015, p. 159).

### **Análise do Mapa Coletivo e Resultados**

Antes de partir para as observações sobre o produto realizado pelos alunos, é importante comentar um pouco sobre a realidade que foi retratada. A Figura 1 abaixo é uma adaptação da imagem de satélite da quadra da escola retirada do software Google Earth, na qual estão destacados: a rota realizada pelos alunos em vermelho, o muro dos fundos da escola em cinza, e o córrego que passa atrás da escola em azul. Além dessas, evidencia-se uma característica importante no entorno do espaço escolar: a ocupação irregular nos fundos da escola, facilmente identificada pelo arruamento irregular (ruas sem asfalto e com disposição desarmoniosa em comparação ao arruamento regular no entorno). Salienta-se que a rua da frente da escola foi recentemente reasfaltada e pintada, estando em melhores condições do que indicada na foto no momento da realização do campo.



Figura 1: Croqui do percurso e características do entorno escolar  
Fonte: Software Google Earth (2017). Org. Back, 2017

Durante a aula de campo os alunos foram anotando em seus cadernos os problemas urbanos que identificavam. Algumas das observações feitas por eles foram: a ausência de mata ciliar ao redor do córrego; a maneira irregular como ele foi canalizado em vários pontos para viabilizar a construção de puxadinhos que utilizavam o muro da escola como sustentação; a falta de asfalto e calçada na ocupação irregular; a inexistência de iluminação em toda a área em volta da escola, uma vez que a noite torna-se muito perigoso; a quadra de futebol conhecida por todos como o ponto de drogas mais próximo à escola (no mapa facilmente identificável pelo quadrado bege na primeira esquina do percurso, do outro lado da rua); o contraste evidente entre a rua da frente da escola e a rua de trás; entre vários outros pontos. Essas anotações foram utilizadas durante a elaboração do mapa mental coletivo, cujo resultado final pode ser observado na Figura 2.

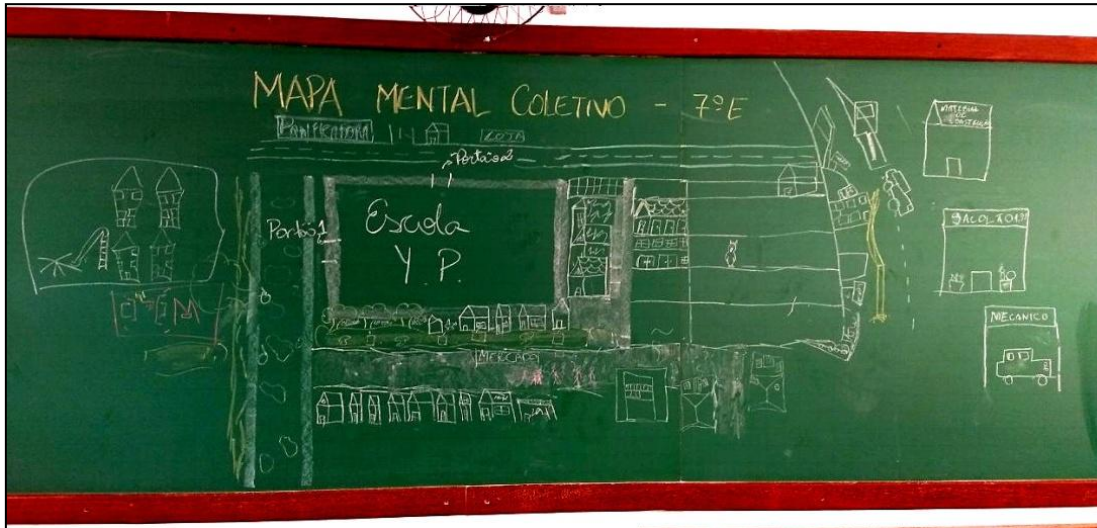


Figura 2: Mapa mental coletivo - resultado final  
Fonte: Back, 2017.

No que tange a análise do produto final, Malanski (2014) relaciona aspectos indicados por Simielli (1999) às quatro fases da Metodologia Kozel (2007) para a leitura e interpretação de mapas mentais tradicionais, afirmando que um mapa mental coletivo pode ser lido e interpretado a partir de quatro pontos. É importante salientar que a aplicação da metodologia ao mapa coletivo não levou em consideração as opiniões ou interpretações pessoais das autoras, e sim única e exclusivamente as afirmações que os próprios alunos realizaram ao longo de sua construção. Sabe-se o que cada ícone representa porque os autores do mapa, no caso os estudantes, verbalizaram qual era o objetivo ao desenhar cada um deles, pois o mapa foi construído ao longo de uma roda de conversa em sala de aula sobre a experiência dos alunos em campo. Desta forma, foi tomado o cuidado de manter às considerações fiéis à representação dos estudantes, até porque o objetivo do presente trabalho não é interpretar o mapa a partir de determinados autores ou atribuir significados às representações feitas pelos estudantes, e sim simplesmente trazer essa construção cartográfica feita em sala de aula como uma representação válida da realidade deles. Cada um dos pontos apresentados por Malanski (2014) foi especificado e aplicado ao produto final a seguir.

- Ponto 1: Forma de representação e distribuição dos elementos mapeados: forma de representação dos elementos em ícones, linhas, polígonos, letras, palavras, números etc. e distribuição desses elementos em quadros, com ou sem perspectiva, isolados, na horizontal ou vertical, na parte superior ou inferior no mapa.
- Aplicação: Os diferentes elementos mapeados foram representados de várias formas. Ao observar o resultado final na Figura 2 fica evidente a utilização de linhas representando arruamentos, e um grande polígono central representando a área interna do colégio. As Figuras 3 e 4 mostram a representação por meio de palavras que indicam a escola, seus portões e estabelecimentos comerciais como a panificadora, lojas, o mecânico, "sacolão" e loja de materiais de construção. Além disso, as imagens expõem a utilização de ícones para representar carros, placas de trânsito, casas (que juntas representam áreas residenciais), árvores, entre outros.

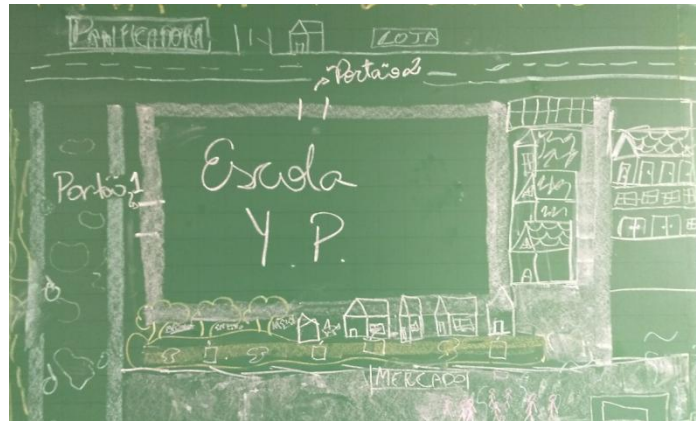


Figura 3: Escola, portões e estabelecimentos comerciais representados por palavras.

Fonte: Back, 2017.



Figura 4: Palavras indicando estabelecimentos comerciais

Fonte: Back, 2017.

- Itens foram representados em diferentes perspectivas, como por exemplo as ruas e o colégio, que foram desenhados de cima, na perspectiva vertical, diferentemente das casas que foram desenhadas tridimensionalmente, na perspectiva horizontal. A distribuição dos elementos no mapa buscou representar a realidade fielmente, pois cada elemento foi desenhado de acordo com sua localidade verídica. Pode-se observar esse fato comparando o local onde o rio se encontra no croqui fornecido anteriormente e no desenho, observando a Figura 2. O mesmo pode ser feito com os portões da escola, ruas, etc.
- Ponto 2: Análise dos elementos mapeados: especificidade dos elementos (representação dos elementos da paisagem natural, da paisagem construída, elementos móveis e humanos etc.) e outros aspectos ou particularidades representados no mapa.
- Aplicação: A Figura 4 anteriormente apresentada já evidencia a presença de elementos móveis, como a representação de um carro que estava andando na Rua Pedro Gusso, a qual possui maior fluxo de carros nas proximidades da escola. Por outro lado, a Figura 5 abaixo apresenta a representação do córrego que passa atrás da escola, com vários resíduos indicando a poluição, além da representação de poucas árvores, que seriam o que restou da mata ciliar, ponto

abordado por eles durante o percurso inclusivo. Todos esses são elementos da paisagem natural, percebida e representada pelos alunos. Além disso, no zoom (aumento da imagem) dado ao canto inferior da mesma imagem pode se perceber que alguns alunos representaram elementos humanos como um coletivo, com o objetivo de representar a própria turma passando por ali durante o campo.



Figura 5: Representação de elementos humanos, da paisagem construída, da paisagem natural.  
Fonte: Back, 2017.

- A Figura 6 traz a representação do ponto de drogas mais próximo à escola, mais especificamente a quadra de futebol, localizada de frente para o córrego, ao qual os alunos se referem como "valetão". Durante a roda de conversa esse foi um dos primeiros elementos que os estudantes pontuaram e quiseram representar, e o fizeram a partir de um elemento humano, como o zoom no canto esquerdo da foto mostra. Primeiramente um aluno desenhou o boneco de palito com um cigarro aceso na boca, utilizando o giz rosa por ser o mais próximo dele, até ser interrompido por um colega que disse que ele deveria usar a cor verde para representar a fumaça, se referindo à cor da maconha, droga feita à base da planta *cannabis sativa*, de coloração verde.

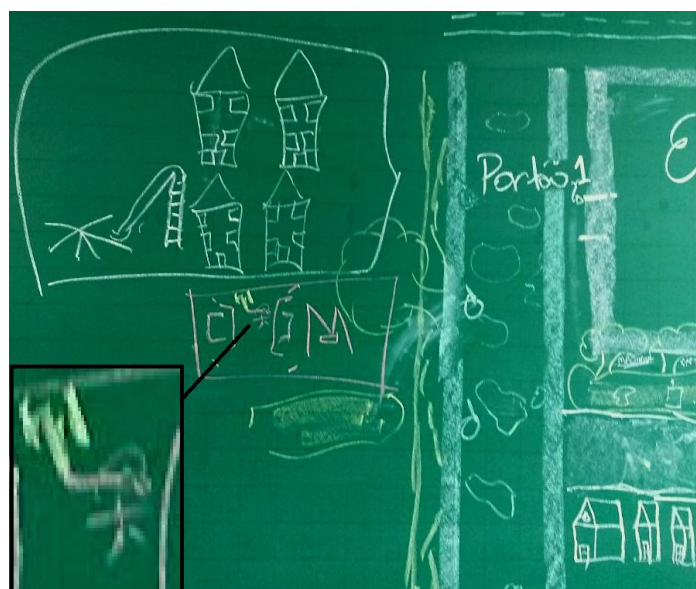


Figura 6: Representação de elementos humanos, sociais e da paisagem construída.  
Fonte: Back, 2017.

- Observando a Figura 6 anterior e a Figura 7 a seguir é possível notar a diferença na representação da paisagem construída, quando se observa como os alunos escolheram representar a rua da frente da escola (Sebastião Malucelli), que foi recentemente reasfaltada, em contraposição com a rua na qual está localizado o portão 1, pelo qual eles entram na escola todos os dias, uma rua esburacada e com acúmulo de resíduos sólidos (lixo). Torna-se evidente a percepção dos estudantes às mudanças realizadas recentemente na região.
- Ainda sobre a Figura 7, destaca-se como alguns alunos decidiram representar um dos colegas que mora próximo dali, e que por usar gel de cabelo, é apelidado de "pinguim". Observa-se aqui novamente uma representação do cotidiano do grupo de estudantes da 7ªE, que imprime em seu mapeamento do entorno do espaço escolar suas experiências e vivências.

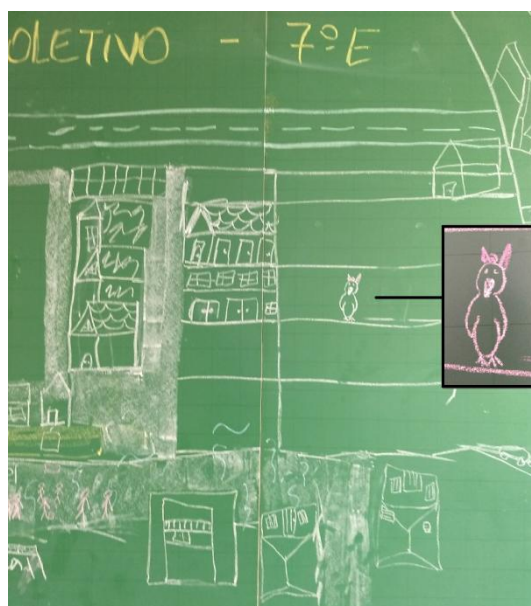


Figura 7: Representação de elementos humanos e da paisagem construída  
 Fonte: Back, 2017.

- Ainda, são evidentes as representações das diferentes áreas residenciais que os alunos percebem ao redor da escola (paisagem construída): a Figura 5 mostra as habitações irregulares na ocupação atrás da escola, pontua-se que os alunos especificaram que desenhariam as casas juntas sem espaço, pois era isso que tinham visto em campo; já na Figura 6, se vê com maior detalhe a representação da rua em frente a escola (Sebastião Malucelli) na qual casas de maior poder aquisitivo foram representadas pelos alunos, intituladas por eles "casões"; e na Figura 7, nota-se a representação do condomínio de frente ao portão 1, de onde o campo foi iniciado, que foi desenhado com mais espaço entre cada construção e com o parquinho, representado pelo escorregador.
- Correlação dos elementos mapeados: estabelece a codificação das mensagens veiculadas ao mapa a partir da análise das representações e do referencial teórico.
- Aplicação: O referencial teórico dos alunos para a realização do mapa foi abordado durante as aulas de Geografia que precederam a realização da aula de campo, nas quais os problemas urbanos presentes no cotidiano deles foram



problematizados, buscando gerar uma reflexão que os levasse a uma maior sensibilidade para perceber o espaço em sua volta. Ao analisar as diferentes representações do entorno do espaço escolar do C.E. Yvone Pimentel, é possível estabelecer uma relação clara de contradição entre a parte da frente do colégio, com calçadas largas, rua pavimentada e residências de médio/alto padrão, e a parte dos fundos do colégio, na qual se encontra uma ocupação irregular com ruas de chão batido e sem calçadas. Nas ruas laterais do colégio os alunos representaram também problemas urbanos, mas não tão severos quanto os encontrados na ocupação irregular.

- Sintetização dos elementos mapeados: a partir da correlação estabelecida, sintetizam-se as informações obtidas de modo a resumir as mensagens mapeadas.
- Aplicação: Durante a roda de conversa ficou claro o desejo dos alunos mapearem a desigualdade social presente no entorno da escola. A síntese da informação contida neste mapeamento é que não é necessário andar muito para conhecer realidades extremamente díspares. Um dos alunos sintetizou com maestria o que pode perceber, em uma frase: "Professora, pra ver isso aqui, (apontou para a clássica imagem do muro que divide um condomínio de luxo de uma favela na Grande São Paulo, contida no livro didático de Geografia utilizado por eles, bastante famosa) não precisa ir lá pra São Paulo né, é só ir aqui atrás da escola".

### **Considerações Finais**

Ao analisar não apenas o produto final, mas a maneira como os estudantes se portaram ao longo da aula de campo, atentos para identificar problemas, e mais tarde, na roda de conversa, agitados para compartilhar vivências pessoais que tiveram no entorno da escola que fortaleciam ainda mais impressões obtidas na experiência em campo, é possível afirmar que o objetivo do trabalho foi atingido, pois o mapeamento realizado pelos estudantes do Colégio Estadual Yvone Pimentel externa suas percepções e a relação que estes tem com o entorno do espaço escolar, e ao observar a construção realizada por eles, é incontestável a validade dessa representação de uma realidade que é só deles, ao mesmo tempo que é de todos nós, (futuros) professores, e sociedade como um todo. Ressalta-se a importância de se retratar o entorno do espaço escolar, que é tão presente no dia-a-dia de um aluno quanto a área interna, pois para entrar na escola o estudante precisa sempre passar por ali.

Desta forma, salienta-se que a prática pedagógica utilizando a aula de campo se mostrou extremamente rica, pois a quadra na qual o colégio está localizado apresenta realidades extremamente díspares, pois enquanto a rua da entrada principal do colégio possui um asfalto novo, iluminação e é limpa, a área nos fundos do muro de trás abriga uma ocupação irregular na qual as casas são construídas por cima de um córrego, que foi canalizado pelos próprios moradores da região. Vários pontos polêmicos podem ser destacados na análise do produto final (mapa mental coletivo) pelos estudantes, como por exemplo, a representação de uso de drogas em uma esquina específica, a presença de resíduos sólidos, a presença do crime, entre outros. Essas são evidências de marginalização e segregação espacial que precisam ser levadas em conta quando se pensa a construção da imagem da escola para os estudantes, pois de acordo com Malanski e Kozel (2015), um lugar influencia na construção de identidades culturais.

Evidencia-se a importância da percepção individual de cada aluno e da sua relação com o espaço escolar/lugares do entorno da escola para a construção do mapa coletivo, pois, de acordo com Santos (2007), cada indivíduo, ao construir uma Geografia, está “sistematizando um ou alguns dos aspectos fundamentais das suas diferentes maneiras de viver”. Conclui-se com esse trabalho a urgência do diálogo entre os saberes que os alunos já possuem com a condução do conhecimento especializado do professor de Geografia (SANTOS, 2007), pois essa interação só tem a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BLOG PENSANDO DIREITO À CIDADE. **IDHM nas regionais da cidade de Curitiba (2010)**. Atlas do desenvolvimento humano nas regiões metropolitanas brasileiras. Disponível em: < [https://pensandodireitoacidade.wordpress.com/idh-nas-regionais-da-cidade-de-curitiba/?preview\\_id=131&preview\\_nonce=42c826dded&\\_thumbnail\\_id=-1&preview=true](https://pensandodireitoacidade.wordpress.com/idh-nas-regionais-da-cidade-de-curitiba/?preview_id=131&preview_nonce=42c826dded&_thumbnail_id=-1&preview=true) > Acesso em: 14 out. 2017.

MALANSKI, Lawrence Mayer. **GEOGRAFIA HUMANISTA: PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL**. Revista Geográfica de América Central. N° 52. jan/jul 2014. pp. 29-50

MALANSKI, Lawrence Mayer; KOZEL, Salette. **Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo: uma abordagem da geografia humanista**. Goiânia: Ateliê Geográfico, 2015, p.154-169.

MOURA, Rosa. **CURITIBA: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO**, 2014. Disponível em: < <http://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/curitiba-construcao-e-desconstrucao-de-um-mito/14127> > Acesso em: 29 de ago. 2017.

PAZ, Otacílio Lopes de Souza. **A aula de campo como um encaminhamento metodológico no processo de ensino-aprendizagem – aplicações a partir da geografia do custo zero**. Curitiba. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Geografia). Setor de Ciências da Terra. Universidade Federal do Paraná, 2016. 41p.

COLÉGIO ESTADUAL YVONE PIMENTEL. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. No prelo.

SANTOS, Douglas. **O que é Geografia?** 2007. Inédito. Apostilado. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAffIwAD/que-geografia-douglas-santos>>. Acesso em: set, 2017.